

## **Comunicações Coordenadas**

*Dia 14/07/2010 - apresentação oral*

### **Acessibilidade para pessoas com deficiência visual: a experiência dos museus de Paris**

*Virgínia Kastrup*

*Virgínia Kastruo é doutora em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Hoje em dia tem sido reconhecido por grande número de países do mundo que os museus devem ser locais de acolhimento de todo e qualquer tipo de público. No entanto, a criação de estratégias e dispositivos de acessibilidade adequados a públicos específicos ainda constitui um desafio a ser enfrentado. No que tange a pessoas portadoras de deficiência, a noção de acessibilidade remete de imediato a dispositivos técnicos que facilitem o acesso físico aos prédios públicos e assegurem o conforto dessas pessoas. Num sentido mais amplo e político, a noção de acessibilidade indica o reconhecimento da existência dessas pessoas e o valor de sua participação social, indo no sentido inverso das práticas de exclusão. No campo cultural, um dos maiores desafios é como desenvolver dispositivos e estratégias de acessibilidade para que pessoas com deficiência visual compartilhem o patrimônio no espaço dos museus. Criar museus acessíveis para pessoas cegas não se limita a colocar etiquetas em braille diante das peças. A acessibilidade estética é o grande e principal desafio (ARNHEIM, 1990; CARIJÓ, ALMEIDA E KASTRUP, 2010). Os museus são tradicionalmente instituições voltadas para a apreciação visual, onde tocar as obras é, na maioria das vezes, terminantemente proibido. Há considerações, ao longo da história da filosofia, sobre uma suposta superioridade da visão para a experiência estética, chegando a ser questionada a própria possibilidade de uma experiência estética tátil. Sendo assim, do ponto de vista dos museus, a acessibilidade para pessoas cegas é quase

sempre complicada e polêmica, pois problematiza tanto a lógica tradicional da conservação quanto crenças estéticas e cognitivas, ambas muito arraigadas. A preocupação com a proteção dos objetos não é a única causa da proibição do toque nos museus. Há diversos obstáculos políticos, subjetivos e coletivos, que precisam ser revistos (CANDLIN, 2004). Somente realizando uma ampla discussão, da qual devem participar museólogos, curadores, educadores, pesquisadores e os próprios deficientes visuais, o museu pode desempenhar plenamente seu papel de espaço de aprendizagem inventiva (KASTRUP, 2007a; 2007b; 2008).

Na França, uma lei de fevereiro de 2005 obriga todos os museus a acolherem pessoas com deficiência. Ela representa um avanço considerável e coroa uma discussão iniciada no final da década de 70. A lei fez crescer a sensibilização dos museus e instituições culturais à questão do acolhimento dos diferentes públicos e fomentou o desenvolvimento de diferentes dispositivos táteis e estratégias verbais que visam não apenas atender às demandas de pessoas cegas e com baixa visão, mas também da formação desse tipo de público. O objetivo desse trabalho é apresentar alguns dos resultados de uma pesquisa de campo realizada em 2009 sobre alguns dos programas de acessibilidade dos principais museus de Paris. O intuito da pesquisa foi conhecer os dispositivos e estratégias que vêm sendo empregados, analisando seu alcance e limites. Foi também buscar subsídios para o desenvolvimento e ampliação de programas de acessibilidade para pessoas com deficiência visual no Brasil. A pesquisa foi realizada em sete (07) museus da cidade de Paris: *Centre Georges Pompidou*, *Cité des Sciences*, *Musée du Louvre*, *Musée Nationale d'Histoire Naturelle*, *Musée du Quai Branly*, *Musée des Arts et Métiers* e *Musée Rodin*. Foram realizadas visitas técnicas e entrevistas com responsáveis pelos programas de acessibilidade. A conclusão é que não há regras prontas, mas recomendações que apontam para o funcionamento cognitivo e estético do tato.

## **Bibliografia:**

ALMEIDA, Maria Clara de; CARIJÓ, F. H. e KASTRUP, V. (2010).

“Por uma estética tátil: sobre a adaptação de obras de artes plásticas para deficientes visuais”. In: *Revista Fractal*, 22 (1), p. 85-100

ARNHEIM, R. (1990). “Visual aspects of of art of the blind”. In: *Journal of Aesthetical Education*, 24 (3), p. 57-75.

CANDLIN, F. (2004). “Don’t touch! Hands Off!: art, blindness and the conservation of expertise”. In: *Body & Society*, 10, p. 71- 90.

KASTRUP, V. (2007a). *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica.

\_\_\_\_\_. (2007b). “A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual”. In: *Psicologia em Revista*, 13 (1), p. 69-90.

\_\_\_\_\_. (2008). “O lado de dentro da experiência: atenção a si e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida”. In: *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 28 (1), p. 186-199.